

Economia Mundial : O Novo Catecismo dos Mercados



BOX DE FACTOS

- O liberalismo clássico nasceu como defesa da liberdade individual, da limitação do poder arbitrário e da responsabilidade civil.
- O chamado “liberalismo moderno” de catecismo económico reduz muitas vezes a liberdade à

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

historicamente alarmantes, com a riqueza bilionária global em máximos e mais de 3.000 bilionários no mundo.

- Os mercados não são entidades morais nem inteligências superiores: são mecanismos úteis, mas vulneráveis a monopólios, captura política, especulação, informação assimétrica e poder concentrado.
- A política monetária é necessária, mas subir taxas de juro não resolve todos os tipos de inflação, sobretudo quando os choques vêm da energia, da guerra, de cadeias logísticas ou de margens empresariais excessivas.

O Novo Catecismo dos Mercados

Chamam-lhe liberalismo moderno, mas muitas vezes é apenas uma velha doutrinação com fato novo: a crença de que os mercados são uma inteligência superior, que se regulam sozinhos, que a desigualdade

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há ideias que nascem como instrumentos de libertação e acabam transformadas em dogmas de submissão. O liberalismo foi, na sua origem mais nobre, uma afirmação da liberdade individual contra o arbítrio do poder absoluto. Defendeu direitos, limites ao Estado, propriedade, autonomia civil, pluralismo, responsabilidade e espaço para a iniciativa humana. Foi uma conquista contra o despotismo.

Mas aquilo que hoje se vende tantas vezes como “liberalismo moderno” já pouco tem a ver com essa tradição civilizadora. Tornou-se, em muitos discursos públicos, uma teologia económica de bolso, uma catequese de mercado repetida por comentadores, tecnocratas, gestores de conveniência, políticos sem imaginação e académicos que parecem ter aprendido economia por fórmulas decoradas numa sacristia monetarista.

O novo catecismo é simples: os mercados são inteligentes; o Estado é sempre suspeito; a regulação é quase sempre obstáculo; a desigualdade é inevitável; a inflação cura-se com juros altos; os salários devem obedecer à produtividade, mas os lucros podem obedecer à fantasia; os pobres devem adaptar-se; os ricos devem ser incentivados; e tudo o que corre mal será resolvido, mais tarde ou mais cedo, pela misteriosa sabedoria da mão invisível.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

reguladores ou transfere lucros para jurisdições fiscalmente criativas. A metafísica económica tem destas coincidências tocantes.

O mercado não é Deus

O mercado é uma invenção humana poderosa. Permite coordenar decisões dispersas, formar preços, revelar preferências, premiar eficiência, estimular inovação e distribuir recursos de forma muitas vezes superior à planificação central. Negar isto seria infantil. O problema começa quando se deixa de ver o mercado como ferramenta e se passa a vê-lo como entidade soberana.

Os mercados não têm consciência. Não têm compaixão. Não têm memória histórica. Não distinguem justiça de oportunidade. Não sabem o que é dignidade humana. Não protegem, por instinto próprio, crianças, idosos, doentes, trabalhadores frágeis, natureza, património, cultura ou democracia. Fazem uma coisa: organizam transacções sob determinadas regras. E se as regras forem más, os mercados produzem maus resultados com uma eficiência admirável.

Onde há concorrência real, informação transparente, justiça rápida, instituições fortes e consumidores com poder de escolha, o mercado pode funcionar como força criadora.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Chamar a isto “auto-regulação” é quase humor negro. Um mercado dominado por poucos não se auto-regula. Auto-protege-se. Um sector capturado não corrige abusos. Normaliza-os. Um oligopólio não pratica liberdade. Pratica coordenação silenciosa. Um empregador dominante numa região pobre não oferece escolha. Oferece sobrevivência.

A ilusão liberal dogmática consiste em fingir que todos entram no mercado com igual liberdade. O trabalhador precário, o pequeno empresário endividado, a multinacional com exército jurídico, o banco sistémico, o fundo de investimento global e o cidadão que precisa de pagar renda seriam, nesta ficção, jogadores equivalentes. Que bela fantasia. Falta apenas pôr uma criança e um tanque de guerra a disputar o mesmo cruzamento e chamar a isso mobilidade competitiva.

A concentração de riqueza como falência moral

A concentração de riqueza no mundo contemporâneo atingiu uma escala obscena. A riqueza bilionária global encontra-se em máximos históricos e o número de bilionários ultrapassou os três mil. Ao mesmo tempo, milhões de trabalhadores vivem sem segurança material, sem habitação

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quando a riqueza se concentra de forma extrema, deixa de ser apenas capacidade económica e passa a ser poder social, mediático, jurídico e político. Quem possui fortunas colossais pode comprar influência, financiar narrativas, condicionar investigação, capturar partidos, possuir plataformas, moldar opinião pública e transformar democracia em teatro consultivo.

O mercado, nesse ponto, deixa de estar dentro da sociedade. Passa a pairar sobre ela. E quando o poder económico paira sobre a democracia, o cidadão comum vota, mas outros escrevem a arquitectura do possível.

Os defensores mais devotos deste modelo respondem com a velha ladainha: os ricos criam riqueza, investem, inovam, arriscam. Em parte, isso pode ser verdade. Há empresários criadores, investidores úteis, inovadores genuínos e capital produtivo. Mas há também riqueza herdada, renda monopolista, especulação, engenharia fiscal, exploração laboral, captura regulatória, privatização de ganhos e socialização de perdas.

O capitalismo produtivo cria valor. O capitalismo predatório extrai valor. O primeiro precisa de liberdade, concorrência, estabilidade e talento. O segundo precisa de fraqueza regulatória, poder concentrado, assimetria e medo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Outra superstição do catecismo económico moderno é a crença de que toda a inflação se resolve com subida de taxas de juro. A política monetária é necessária. Ninguém sério nega que os bancos centrais tenham um papel essencial na estabilidade de preços, nas expectativas e no funcionamento do crédito. Mas uma ferramenta não é uma explicação completa do mundo.

Se a inflação nasce de excesso de procura, crédito barato, sobreaquecimento económico e expectativas desancoradas, subir juros pode fazer sentido. Mas se a inflação nasce de guerra, energia, petróleo, gás, alimentos, cadeias logísticas, choques geopolíticos ou margens empresariais oportunistas, então subir juros torna-se uma medicina limitada e socialmente brutal.

Subir juros não fabrica energia. Não acaba guerras. Não reabre rotas marítimas. Não produz trigo. Não baixa por milagre o preço do petróleo. Não reconstrói cadeias industriais. Não elimina oligopólios. Não reduz margens abusivas. Mas encarece crédito, trava investimento, aumenta prestações das famílias, pressiona pequenas empresas e transfere o custo do ajustamento para quem vive do salário.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

combate à inflação. Se o grande capital aumenta margens, é eficiência. A linguagem económica tem um talento notável para tornar a dor social administrativamente respeitável.

O problema não é usar juros. O problema é transformar juros em rito de purificação. O banco central sobe taxas, os mercados suspiram, os comentadores assentem, os pobres pagam. E todos fingem que a matemática resolveu aquilo que a política, a regulação, a concorrência, a energia, a indústria e a geopolítica não quiseram enfrentar.

A falsa neutralidade dos tecnocratas

Uma das grandes habilidades deste liberalismo dogmático é apresentar escolhas políticas como se fossem leis naturais. Diz-se: “os mercados exigem”, “os investidores precisam”, “a confiança recomenda”, “a disciplina impõe”, “a competitividade obriga”. Repare-se na linguagem. Não há sujeitos. Não há interesses. Não há ideologia. Há apenas forças abstractas, quase meteorológicas.

Mas os mercados não falam. Pessoas falam em nome deles. Bancos falam. Fundos falam. Agências de rating falam. Grandes empresas falam. Consultoras falam. Instituições internacionais falam. E muitas vezes falam com mais acesso, mais influência e mais protecção do que os cidadãos comuns.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

se tributa mais o trabalho ou o património. Escolhe se se salva bancos ou famílias. Escolhe se se regula monopólios ou se lhes chama campeões nacionais. Escolhe se se trata a habitação como direito social ou como activo financeiro.

A neutralidade é muitas vezes a máscara educada do poder instalado. E quando alguém diz que uma medida “não tem alternativa”, convém olhar para a carteira de quem a recomenda e para a conta de quem a vai pagar.

O liberalismo contra a liberdade real

Há uma ironia cruel no liberalismo dogmático contemporâneo: proclama liberdade, mas muitas vezes destrói as condições materiais da liberdade real. Um trabalhador sem segurança económica não é plenamente livre. Uma família esmagada por rendas não é plenamente livre. Um jovem qualificado condenado a salários baixos não é plenamente livre. Um pequeno empresário sufocado por crédito caro e concorrência desigual não é plenamente livre.

A liberdade não é apenas ausência de Estado. É capacidade efectiva de escolher. E essa capacidade exige educação, saúde, habitação, segurança jurídica, rendimento digno, concorrência real, mobilidade social e instituições que impeçam a transformação da riqueza em dominação.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

concentrado, nas plataformas digitais, nos monopólios, nos bancos, nos fundos, nos grandes empregadores e nas cadeias globais que decidem a vida de milhões sem mandato democrático.

Um Estado pode oprimir. Mas um mercado capturado também. Uma burocracia pode esmagar. Mas uma empresa dominante também. Um governo pode abusar. Mas uma plataforma que controla comunicação, comércio, dados e visibilidade social também. A defesa da liberdade exige limitar todos os poderes excessivos, não apenas o poder público.

O Estado necessário não é o Estado obeso

Criticar o mercadismo dogmático não significa defender um Estado obeso, incompetente, burocrático e capturado por clientelas partidárias. Essa caricatura serve apenas para empobrecer o debate. O Estado português, por exemplo, é muitas vezes grande onde atrapalha e pequeno onde devia ser forte. Muita autorização, pouca fiscalização. Muito formulário, pouca estratégia. Muito controlo administrativo, pouca justiça rápida. Muita promessa, pouca execução.

A resposta ao capitalismo selvagem não é estatismo incompetente. É uma economia civilizada. Mercado livre

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Educação e ciência contra servidão económica. Democracia contra captura.

O Estado necessário não substitui a sociedade. Não sufoca empresas. Não infantiliza cidadãos. Mas também não se ajoelha perante o dinheiro organizado. O Estado necessário garante que a liberdade económica não se transforma em licença para dominar os mais fracos.

Uma sociedade adulta não escolhe entre mercado selvagem e Estado mamute. Escolhe instituições inteligentes. Escolhe regras justas. Escolhe concorrência, mérito, responsabilidade e protecção. Escolhe limitar tanto a arrogância burocrática como a arrogância financeira.

Portugal e a importação de catecismos

Portugal tem uma inclinação antiga para importar doutrinas sem importar as condições que as tornam viáveis. Importa linguagem liberal de economias mais produtivas, mas mantém baixa produtividade. Importa discurso empreendedor, mas conserva burocracia hostil. Importa culto do mercado, mas tolera sectores protegidos. Importa retórica da concorrência, mas vive com cartelizações suaves, clientelas e dependências do Estado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

comprimidos e o mérito continua frequentemente a pedir licença à cunha.

Defender mais mercado em Portugal pode fazer sentido em muitos domínios. Menos burocracia, mais concorrência, menos licenças absurdas, menos captura pública, mais liberdade de iniciativa. Mas isso não é o mesmo que entregar a sociedade aos mercados como quem entrega uma criança a uma alcateia com plano de negócios.

Portugal precisa de mercado, sim. Mas mercado verdadeiro. Concorrência verdadeira. Empresas produtivas. Estado eficaz. Justiça célere. Fiscalidade simples. Educação exigente. Regulação independente. Política industrial. Defesa do consumidor. Protecção do trabalho. Combate ao rentismo. Isto é economia liberal no sentido civilizado. O resto é apenas catequese para justificar desigualdade.

A democracia contra a plutocracia

O grande conflito do século XXI não será apenas entre esquerda e direita, Estado e mercado, globalização e soberania. Será entre democracia e plutocracia. Entre uma sociedade onde o poder económico serve regras comuns e uma sociedade onde a riqueza extrema compra as regras comuns.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

imprensa livre. A plutocracia compra meios de comunicação. A democracia exige política pública. A plutocracia financia think tanks, campanhas e narrativas. A democracia exige igualdade perante a lei. A plutocracia contrata exércitos jurídicos.

Quando a concentração de riqueza ultrapassa certos limites, já não estamos apenas perante desigualdade económica. Estamos perante assimetria de soberania. Uns votam. Outros moldam o campo onde o voto se torna possível.

É por isso que o novo catecismo dos mercados é perigoso. Não porque defenda liberdade económica, mas porque esconde relações de poder atrás de fórmulas aparentemente neutras. Não porque critique o Estado, mas porque absolve o poder privado concentrado. Não porque valorize iniciativa, mas porque confunde iniciativa com impunidade dos fortes.

A economia como escolha moral

A economia não é apenas técnica. É também escolha moral. Decide que vidas são protegidas, que riscos são aceites, que custos são distribuídos, que futuro se constrói e que dignidade se reconhece ao trabalho.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

acumulada. Não há neutralidade em permitir monopólios enquanto se fala de liberdade. Não há neutralidade em salvar bancos com dinheiro público e depois exigir austeridade aos cidadãos.

A economia é sempre arquitectura de sociedade. Pode construir autonomia ou dependência. Pode criar mobilidade ou castas. Pode premiar criação ou captura. Pode distribuir risco de forma justa ou despejá-lo sobre os mais fracos.

O liberalismo digno desse nome deveria defender a liberdade concreta das pessoas, não apenas a liberdade abstracta do capital. Deveria combater todos os monopólios, públicos e privados. Deveria proteger concorrência real. Deveria recusar privilégios. Deveria desconfiar tanto do Estado onipotente como da riqueza onipotente. Deveria lembrar que a liberdade sem justiça se torna privilégio.

Conclusão: romper o catecismo

O mundo precisa de mercados. Precisa de empresas. Precisa de iniciativa privada. Precisa de investimento, inovação, lucro legítimo, risco produtivo e liberdade económica. Mas não precisa de idolatria. Não precisa de transformar mercados em oráculos, bilionários em santos

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

governá-la, a democracia enfraquece. O lucro deve premiar criação de valor. Quando nasce da renda, da captura e do abuso, torna-se parasitismo. A política monetária deve proteger a estabilidade. Quando esquece a realidade social, torna-se chicote técnico. A liberdade económica deve expandir possibilidades. Quando concentra poder, converte-se em dominação.

A grande tarefa do nosso tempo é reconstruir uma economia ao serviço da liberdade real: com mercados concorrenciais, Estado competente, regulação inteligente, protecção social robusta, tributação justa, investimento produtivo, inovação tecnológica e limites democráticos ao poder concentrado.

Não se trata de escolher entre capitalismo selvagem e burocracia estatal. Trata-se de escolher entre uma economia civilizada e uma economia feudal com software moderno.

O chamado liberalismo moderno, quando reduzido a doutrinação mercadista, não liberta. Justifica. Justifica concentração. Justifica precariedade. Justifica rendas. Justifica juros como penitência. Justifica desigualdade como paisagem. Justifica a indiferença perante os pobres em nome de uma inteligência abstracta chamada mercado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

sim. Mas também deve ter justiça. Deve ter liberdade, sim. Mas liberdade para todos, não apenas para quem já possui o mundo e ainda exige menos obstáculos para o possuir melhor.

Porque quando os mercados deixam de ser ferramentas e passam a ser deuses, os cidadãos deixam de ser homens livres e passam a ser fiéis ajoelhados perante a cotação do dia.

REFERÊNCIAS

- World Inequality Lab, [World Inequality Report 2026](#).
- Oxfam International, [Resisting the Rule of the Rich](#).
- Banco Central Europeu, [Navigating energy shocks: risks and policy responses](#).
- OCDE, [The Role of Firms in Wage Inequality](#).
- OCDE, [Inequality: A Hidden Cost of Market Power](#).
- Fundo Monetário Internacional, [The Rise of Corporate Market Power and its Macroeconomic Effects](#).

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Um ensaio crítico sobre mercados, desigualdade, concentração de riqueza, política monetária e a perigosa transformação da economia em catecismo.

Quando o mercado se transforma em deus, a sociedade passa a pagar dízimos com salários, dívida e medo.



**Ler o e-Book : O Capitalismo Selvagem e
o Ataque às Democracias**



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)